



# PESTE COMO PUNIÇÃO DIVINA: LEITURA COMPARADA ENTRE HOMERO E DÍCTIS<sup>1</sup>

PLAGUE AS DIVINE PUNISHMENT: COMPARATIVE READING  
BETWEEN HOMER AND DICTYS

---

Gelbart Souza Silva<sup>2</sup>

Artigo submetido em: 20 set. 2020

Data de aceite: 23 nov. 2020

Data de publicação: 17 dez. 2020

**RESUMO:** Neste artigo, propomos uma leitura comparada do episódio da peste causada pela ira de Apolo entre a *Ilíada*, de Homero, e o romance antigo anônimo *Ephemeris belli Troiani*. Para tanto, dividimos a análise em três partes: a causa da peste, suas consequências na relação entre os personagens e como ela é sanada. Conclui-se que, tanto na epopeia quanto no romance, a causa da doença é resultado da afronta a Crises, sacerdote de Apolo, e que o remédio para o mal causa a contenda entre Agamêmnon e Aquiles. A comparação ainda indica que, em *Ephemeris*, há certa diminuição do caráter heroico e divino da narrativa mítica troiana.

**Palavras-chave:** *Ilíada*. Homero. *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*. Peste. Literatura comparada.

**ABSTRACT:** In this article, we propose a comparative reading of the plague episode caused by Apollo's wrath between Homer's *Iliad* and the anonymous ancient novel *Ephemeris belli Troiani*. To do so, we divided the analysis into three parts: the cause of the plague, its consequences on the relationship among the characters and how this disease is cured. It is concluded that, both in the epic and in the novel, the cause of the pest is the result of the affront to Chryses, Apollo's priest, and that the remedy for evil causes the dispute between Agamemnon and Achilles. The comparison still indicates that, in *Ephemeris*, there is a certain decrease in the heroic and divine character of the mythical Trojan narrative.

**Keywords:** *Iliad*. Homer. *Ephemeris belli Troiani Dictys Cretensis*. Plague. Comparative literature.

---

<sup>1</sup> Texto orientado pelo Prof. Dr. Cláudio Aquati, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto-SP, Brasil. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorando do Curso de Letras da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto-SP, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/1741482043524328>

Acesse este artigo pelo QR Code:



## INTRODUÇÃO

Neste ano de 2020, todo o planeta está sofrendo as consequências de uma pandemia causada pelo vírus Covid-19, que atingiu primeiramente a China e de lá se espalhou para o resto do mundo. Diversos esforços políticos e sanitários foram feitos em todos os países para refrear o avanço da doença e para que o sistema de saúde não colapsasse. Apesar dos protocolos e das informações da OMS, não houve como anular totalmente a destruição que o vírus causou e seu impacto sobre várias nações.

Eventos da magnitude de uma pandemia sempre fornecem inspiração para o material literário. Por exemplo, o italiano Boccaccio, em seu *Decamerão*, desenha um cenário em que dez pessoas se distanciam da sociedade para sobreviver à peste de Firenze de 1348. Também o franco-argelino Albert Camus dedicou-se à temática em seu livro *A peste* (1947). Inúmeras são as produções cinematográficas, como *Contágio* (2011), e os games, como *The last of us* (2013), que têm como tema central uma doença assolando a humanidade e abalando suas instituições.

Essa temática também aparece nos textos antigos greco-romanos, em autores como Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*), Sófocles (*Édipo-rei*), Lucrecio (*De rerum natura*) e Virgílio (*Eneida*), seja como pano de fundo da ação ou como algum motivo narrativo.

Pode-se, portanto, considerar a “peste” como um “tema clássico” (COSTA, 1978), cuja produtividade no âmbito artístico é reconhecida desde os primeiros versos da *Ilíada*, em que o aedo canta a ira de Apolo contra os gregos, consubstanciada em forma de uma praga assoladora. É a esse episódio da Guerra de Troia que dedicamos uma análise neste artigo, usando como objetos literários a *Ilíada*, de Homero, e o *Diário da Guerra de Troia* (*Ephemeris belli*

*Troiani*), romance anônimo em latim do século IV d.C.,<sup>3</sup> narrado em primeira pessoa na voz de Díctis, um soldado grego. Propomos uma leitura comparativa dividida em três etapas: a causa da peste, as suas implicações sanitárias e políticas e, por fim, a sua resolução e os seus desdobramentos. Esse exame será essencialmente hipertextual, pois o *Diário* é considerado obra que dialoga diretamente com o revisionismo homérico e intertextualmente com todo um acervo das narrativas troianas clássicas e medievais (SILVA, 2019). Empreende-se, no *Diário*, uma transformação do mito em história, operada via inserção de elementos históricos e processos de racionalização (MERKLE, 1999; MOVELLÁN LUIS, 2015).

## OFENDER UM SACERDOTE É OFENDER SEU DEUS

Numerosos artistas trataram da narrativa troiana, desde Homero até as obras do período medieval cujas nações se vinculavam à mítica Troia como sua originária (YOUNG, 1948; THOMPSON, 2004). O recorte aqui escolhido como objeto de discussão situa-se no longo e complexo assédio grego contra a cidade troiana. No entanto, esse episódio é célebre por ser o primeiro narrado por Homero, já desde as primeiras linhas de sua *Ilíada*: um conflito de interesses que causa a arenga máxima entre o rei supremo Agamêmnon e ilustre Aquiles:

Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida  
(mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus  
e tantas almas valentes de heróis lançou no Hades,  
ficando seus corpos como presa para cães e aves  
de rapina, enquanto se cumpria a vontade de Zeus),  
desde o momento em que primeiro se desentenderam  
o Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles.  
(HOMERO, 2013, p. 85, canto I, versos 1-7)

Em sequência, o aedo homérico continua os questionamentos direcionados à musa, que servem de balizadores do conteúdo a ser narrado naquela epopeia que se inicia. Há uma interrogação, seguida de uma resposta: “Entre eles qual dos deuses provocou o conflito? / Apolo, filho de Leto e de Zeus” (HOMERO, 2013, p. 85, canto I, versos 8-9). Observa-se, pois, que o aedo não pergunta diretamente a causa da intriga, nem qual queixa havia entre as partes; na verdade, indaga que deus havia incutido nos homens a discórdia (*ἔρις*). Esse ponto

---

<sup>3</sup> Esse romance foi escrito originalmente em grego por volta do século II d.C., cujo conhecimento é ainda em estado fragmentado (PEINADO, 2015).

que se mostra inicial e que pode, por vezes, passar por banal, salienta o cosmos poético da *Ilíada*, em que o espectro divino e espectro humano interagem ativamente, em especial com o divino intervindo, porque considerado superior, na vida humana. Não são, no entanto, os homens marionetes dos deuses, há neles capacidade de ação e cota de responsabilidade sobre seus atos, mas o divino se sobrepõe a eles, física e potencialmente.

Em sequência da resposta indicando Apolo como provocador da intriga, assim o aedo explica a fúria e a reação divinas:

(...) Enfurecera-se o deus  
 contra o rei e por isso espalhou entre o exército  
 uma doença terrível de que morriam as hostes,  
 porque o Atrida desconsiderara Crises, seu sacerdote  
 (HOMERO, 2013, p. 85, canto I, versos 9-12)

Apolo, portanto, ficou ultrajado porque um representante de seu culto fora menosprezado por Agamêmnon. Por esse motivo, o deus sentencia uma praga (*νόσος*) sobre o exército. O aedo continua explicando como se deu essa desconsideração para com Crises. Os versos seguintes descrevem como o sacerdote apolíneo se apresentou aos gregos, sua intenção e suas palavras:

Ora este tinha vindo até as naus velozes dos Aqueus  
 para resgatar a filha, trazendo incontáveis riquezas.  
 Segurando nas mãos as fitas de Apolo que acerta ao longe  
 e um cetro dourado, suplicou a todos os Aqueus,  
 mas em especial aos dois Atridas, condutores de homens:  
 “Ó Atridas e vós, demais Aqueus de belas cnêmides!  
 Que vos concedam os deuses, que o Olimpo detêm,  
 saquear a cidade de Príamo e regressar bem a vossas casas!  
 Mas libertai a minha filha amada e recebei o resgate,  
 por respeito para com o filho de Zeus, Apolo que acerta ao  
 longe.”]

(HOMERO, 2013, p. 85, canto I, versos 12-21)

Observa-se que, para recuperar a filha, Crises apela em dois sentidos: a riqueza (resgate, *ἀποινα*) e a religiosidade (respeito, *ἄζομαι*), respectivamente o cetro dourado e as fitas de Apolo. No entanto, apesar de os aqueus em geral aceitarem tanto o resgate quanto o dever para com um oficial de Apolo, Agamêmnon se recusa e asperamente rechaça Crises. Dentre as palavras duras que o atrida utiliza, ele afirma a Crises que de nada adiantaria o rico presente

nem o símbolo divino, que nada o faria desistir da posse da moça. Com medo de ter sua vida ceifada, o ancião abandona o acampamento grego. Em seguida, narra o aedo da *Ilíada* a cena de Crises tétrico:

Caminhou em silêncio ao longo da praia do mar marulhante.  
E depois de ter se afastado para longe, rezou o ancião  
ao soberano Apolo, que Leto de belos cabelos deu à luz:  
“Ouve-me, senhor do arco de prata, deus tutelar de Crise  
e da sacratíssima Cila, que pela força reges Tênedo,  
ó Esminteu! Se alguma vez ao belo templo te pus um teto,  
ou queimei para ti as gordas coxas de touros  
ou de cabras, faz que se cumpra isto que te peço:  
que paguem com tuas setas os Dânaos as minhas lágrimas!”  
Assim disse, orando; e ouviu-o Febo Apolo.  
Desceu do Olimpo, com o coração agitado de ira.  
(HOMERO, 2013, p. 86, canto I, versos 34-44)

Enfurecido (*χωόμενος κῆρ*), Apolo vai às naus e desfere suas setas contra os gregos, atingindo primeiro os animais e, em seguida, o ser humano. Instala-se a doença. Há um acúmulo de mortos, sem remédio para a peste.

A descrição do *Diário*<sup>4</sup> sobre essa contenda primordial é muito semelhante à homérica. No entanto, cabe citar como Crises aparece na narrativa:

Eadem tempestate oraculum Pythii Graecis perfertur:  
concedendum ab omnibus, uti per Palamedem Apollini Zminthio  
sacrificium exhiberetur. Quae res multis grata ob industriam et  
amorem viri, quem circa omnem exercitum exhibebat, nonnullis  
ducum dolori fuerat. Ceterum immolatio centum victimarum,  
sicuti praedictum erat, pro cuncto exercitu exhibebatur  
praeunte Chryse, loci eius sacerdote. Interim re cognita  
Alexander congregata armatorum manu ad prohibendum venit.  
Eum duo Aiaces, priusquam ad templum adpropinquaret,  
interfectis plurimis fugavere. Sed Chryses, quem sacerdotem  
Zminthii Apollinis supra diximus, utriusque exercitus offensam

<sup>4</sup> O texto em latim e a tradução de *Ephemeris belli Troiani* são adaptados de Silva (2019). Assuma-se a seguinte referência ao texto latino: nome da obra, *Ephemeris*; capítulo em algarismo romano; e parágrafo em números arábicos.

metuens, quisque partium ad eum venerat, cum his se adiunctum esse simulabat. (...). (*Ephemeris*, II, 14)<sup>5</sup>

Observe-se que o sacerdote é caracterizado como uma figura ambígua, que não se colocou efetivamente do lado troiano nem do grego, mas a qualquer um serviria. Uma posição neutra, pois. Não se pode, contudo, deixar de notar o verbo *simulare*, que indica, portanto, a ilegitimidade da ação aparente: Crises não confiava amizade nem a um nem a outro; apenas fingia ser amigo de ambos.

Após essa apresentação, há as incursões gregas contra as cidades vizinhas a Troia das quais Aquiles e Ájax saem carregados de riquezas, dentre elas Hipodamia (tradicionalmente chamada de Briseida por ser filha de Briseu) e Astínome (tradicionalmente chamada de Criseida por ser filha de Crises). Ocorre, mais tarde, a cena do resgate que Crises tentou:

Per idem tempus Chryses, quem sacerdotem Sminthii Apollinis supra docuimus, cognito filiam suam Astynomen cum Agamemnone degere, fretus religione tanti numinis, ad naves venit, praeferens dei vultus, ac quaedam ornamentorum templi eius, quo facilius recordatione praesentis numinis veneratio sui regibus incuteretur. Dein oblatis auri atque argenti donis plurimis, redemptionem filiae deprecatur; obsecrans uti magnificarent praesentiam dei, qui secum oratum eos ob sacerdotem proprium venisset. Praeterea commemorat, quae in dies adversum se ab Alexandro eiusque consanguineis, ob exhibitam per se paulo ante immolationem, inimica hostiliaque pararentur.<sup>6</sup> Quae ubi accepere, reddendam filiam sacerdoti, neque ob id accipiendum praemium, universis placet: quippe qui cum per se amicus fidelisque nobis, tum praecipue ob religionem Apollinis nihil non mereri crederetur. Namque multis

<sup>5</sup> “Na mesma época, foi anunciado aos gregos um oráculo de Pítio: que todos anuissem em que, por meio de Palamedes, fosse oferecido um sacrifício a Apolo Esminteu. Essa indicação, que era agradável para muitos por causa da dedicação desse homem e da afeição que ele suscitava junto a todo o exército, fora motivo de mal-estar para alguns comandantes. Ademais, conforme fora predito e estando à frente Crises, sacerdote daquele local, cumpria-se a imolação de cem vítimas a bem de todo o exército. Nesse ínterim, tendo conhecido o assunto, Alexandre, reunida uma força armada, veio para impedi-los. Os dois Ajaces, tendo matado muitos, afugentaram-no antes mesmo que ele se aproximasse do templo. Mas Crises, que anteriormente dissemos ser sacerdote de Apolo Esminteu, temendo ofender a ambos os exércitos, para cada uma das partes que a ele vinha, fingia ser aliado dela.”

<sup>6</sup> A aparente neutralidade que antes Crises tinha passa a ser abalada e sua simulação começa a falhar. A ambiguidade de caráter parece ser um ponto interessante dos personagens do *Diário* e estar ligado à atmosfera de traição em outros trechos (SILVA, 2019).

iam documentis ac fama incolarum, obsequi numini eius per omnia destinaverant. (*Ephemeris*, II, 28)<sup>7</sup>

É importante perceber que a cena desenhada nesse trecho é semelhante à homérica, porém se deve ter em mente que Crises tem, nessa descrição, maior apelo ao divino, pois, no excerto citado, é o ponto que ganha mais ênfase se comparado ao excerto da *Ilíada*. Inclusive o narrador Díctis indica que o sacerdote confiava seu êxito à presença dos símbolos divinos que carregava. Nesse ponto, deve-se mencionar que, na mentalidade religiosa, o signo de um deus (uma estátua, uma fita, um broche etc.) é a sua presentificação divina para o fiel. Bettini (2016), com base nos estudos de vasos decorados da Antiguidade realizados por Collard (2013), explica que há uma duplicação divina nas pinturas, expressa na presença antropomorfizada de um deus, invisível aos olhos dos personagens humanos representados, e na estátua desse deus invocado. Por trás da idolatria está o fato mesmo de crer que o objeto representando o deus é o deus feito presente.

Dessa forma, como na *Ilíada*, no *Diário*, a imagem de Crises com símbolos apolíneos aos braços é a presentificação do deus indo à frente do suplicante. Contudo, do mesmo modo que ocorre em Homero, no *Diário*, Agamêmnon ignora a religiosidade, trata soberbamente o sacerdote de Apolo e o dispensa com palavras indignas. Ao ofender o sacerdote, o rei ofendeu o deus presentificado, ou seja, ofendeu o próprio deus, motivo pelo qual surge a *ira Apollinis*.

Igitur Chryses ubi iniuriam perpessus ab Agamemnone domum discessit, neque multi fluxerunt dies, incertum alione casu, an, uti omnibus videbatur, ira Apollinis, morbus gravissimus exercitum invadit, principio grassandi facto a pecoribus: dein malo paulatim magis magisque ingravescente, per homines dispergitur. Tum vero vis magna mortalium corporibus fatigatis

<sup>7</sup> “Por esse mesmo tempo, Crises, que anteriormente informamos ser sacerdote de Apolo Esminteu, tendo sabido que sua filha Astínome vivia com Agamêmnon, confiado na religiosidade de tão grande nume, veio às naus expondo a figura do deus e alguns ornamentos do seu templo com o fito de que, pela recordação da presença do nume, mais fácil fosse o respeito por ele inculcado nos reis. Depois, levados à frente numerosos presentes, constituídos de ouro e prata, pediu o resgate da filha, suplicando que dessem grande importância à presença do deus, que, em sua companhia, vinha rogar-lhes por causa do seu sacerdote. Além disso, ele lembra que inimizades e hostilidades contra ele, dia após dia, eram urdidas por Alexandre e seus consanguíneos em razão de uma imolação por ele praticada pouco antes. Quando souberam desse fato, foi do agrado de todos devolver a filha ao sacerdote e nada de prêmio receber por isso, já que se acreditava ele merecer nada menos que isso, não só por ser simplesmente amigo e fiel a nós [gregos], mas, e principalmente, por sua devoção a Apolo. E, de fato, por muitas amostras e pela reputação dentre os habitantes daquelas localidades, eles já haviam determinado obedecer em tudo ao deus dele.”

pestifera aegritudine infando ad postremum exitio interibat. (...).  
(*Ephemeris*, II, 28)<sup>8</sup>

Vale destacar que Díctis, o narrador em primeira pessoa, não imputa a causa da doença (*morbus*) concretamente a Apolo, como faz o texto homérico, mas há uma dubiedade (SILVA, 2019), embora seja indicado que a maioria dos gregos acredita ser de procedência divina aquele mal (*uti omnibus videbatur, ira Apollinis*). Essa relativização do narrador condiz com o que a crítica tende a apontar como a intenção narrativa de afastar o mundo dos deuses do mundo dos homens (MERKLE, 1999; VEGA; LÓPEZ, 2001; MOVELLÁN LUIS, 2015; PEINADO, 2015). De fato, ao cotejar as passagens, observa-se que, no *Diário*, Apolo só existe pela ótica humana dos personagens crédulos, como apontou Bergerard (2015), e não corporificado como a tradição tende a descrever os deuses.

Por fim, a desgraça que essa doença contagiosa causa e o modo como se espalha é semelhante ao texto homérico: do gado ao homem, o que deixa um cordel de corpos no acampamento grego.

## PESTE E GERENCIAMENTO DA CRISE

Instalada a crise da praga, narra-se na *Ilíada* que a peste devastou os gregos por nove dias. Ao décimo, Aquiles, entusiasmado por Hera, convoca uma assembleia para que se deliberasse sobre a situação.

“Atrida, julgo agora que seremos obrigados a regressar  
e voltar frustrados para casa, isto no caso de fugirmos à morte,  
se ao mesmo tempo a guerra e a doença dizimam os Aqueus.  
Mas agora interroguemos algum vidente ou sacerdote,  
ou um intérprete de sonhos — também os sonhos vêm de Zeus  
—,]  
que nos indique por que razão se encolerizou Febo Apolo,  
se por causa de promessa ou de hecatombe nos censura;  
na esperança de que aceite o sacrifício de ovelhas e cabras

<sup>8</sup> “Então, quando Crises se retirou à sua casa depois de ter sofrido a injúria de Agamêmnon, não correram muitos dias, uma doença gravíssima invadiu o exército, primeiramente alastrando-se a partir do gado e depois, com o mal paulatinamente se agravando mais e mais, dispersou-se por entre os homens, não se sabe ao certo se por outro fator ou, conforme parecia a todos, por ira de Apolo. Depois disso, de fato, grande quantidade de homens perecia, com os corpos extenuados por essa pestífera doença até, por fim, a morte medonha.”

imaculadas e que assim afaste de nós a pestilência.”

(HOMERO, 2013, p. 87, canto I, versos 59-67)

O adivinho Calcas, que já havia sido agraciado por vaticínios de Febo Apolo, levanta-se na assembleia. Ele então solicita que Aquiles o proteja para que possa proferir a resposta sem medo, pois ela certamente não agradaria a Agamêmnon. Aquiles aquiesce. Calcas informa, pois, qual é o remédio para o mal:

Tomando então coragem, falou o adivinho irrepreensível:

“Não é porque o deus censura alguma promessa ou

hecatombe,]

mas por causa do sacerdote, que Agamêmnon desconsiderou.

Não libertou a filha nem quis receber o resgate:

por isso nos dá desgraças o deus que acerta ao longe.

E não afastará dos Dânaos a repugnante pestilência,

até que ao querido pai seja restituída a donzela de olhos

brilhantes, gratuitamente e sem resgate, e seja levada até

Crise]

uma sagrada hecatombe. Então convencê-lo-emos a acalmar-

se.”]

(HOMERO, 2013, p. 88, canto I, versos 92-100)

Agamêmnon, com “o coração cheio de negra raiva” (HOMERO, 2013, p. 88, canto I, verso 103), ataca Calcas com palavras duras, mas informa que, apesar de desejar mais a Criseida do que a própria esposa Clitemnestra, decidirá devolver a moça ao pai contanto que receba algo em troca. Agamêmnon ameaça retirar prêmios de Aquiles, e ambos então começam a discutir agudamente. Agamêmnon afirma que se Criseida lhe for tirada, tão logo tomará Briseida de Aquiles. O filho de Peleu cogita matar o soberbo rei ali mesmo, mas é dissuadido por Atena. Aquiles declara que não mais obedeceria aos pedidos de Agamêmnon naquela guerra. Com essa contenda, acaba a assembleia. Criseida é embarcada com provisões para honrar Apolo. No comando da nau, Ulisses parte rumo ao encontro de Crises.

O que parecia um encaminhamento para solução, no entanto, não o era, pois Agamêmnon não havia desistido de seu intento. Mandou que se tomasse Briseida das tendas de Aquiles. Sem resistência, o filho de Peleu entregou a moça aos arautos de Agamêmnon, porém indicou que não mais da guerra participaria. Após os arautos se afastarem, ele foi à praia em prantos orar a sua mãe. Tétis o confortou. Aquiles ainda mantinha cólera “no coração por causa de uma mulher de bela cintura, / que à força e à sua revelia lhe tiraram” (HOMERO, 2013, p. 97, canto I, versos 429-430).

No *Diário*, a arrogância e a soberba de Agamêmnon igualmente são acentuadas e também causam o afastamento de Aquiles dos campos bélicos. Assim como na *Ilíada*, Díctis narra que a doença se espalhou rapidamente por todos, porém um detalhe se destaca: "Sed regum omnino nullus neque mortuus ex hoc malo neque ademptatus est (...)" (*Ephemeris*, II, 30)<sup>9</sup>. Esse detalhe é curioso, pois, como indica Venini (1981), Díctis tende a deixar explícito o que na narrativa homérica é implícito, ou seja, subentende-se no poema homérico que os comandantes reunidos na assembleia não haviam contraído a danosa doença. Por outro lado, é interessante inferir o porquê de eles não terem sido contaminados: pode-se cogitar que Apolo não flechou aqueles em cujas mãos estava o poder deliberativo; pode-se também pensar que o contágio não chegou às tendas dos reis por estarem destacados da massa soldadesca e do trato com os animais, distantes, portanto, dos vetores da doença. Seja qual for a alternativa aventada, fato é que também no *Diário* há a assembleia:

Ceterum postquam nullus morbi modus, et in dies plures interibant, cuncti duces converso iam in se quisque timore, in unum coeunt: ac dein flagitare Calchanta, quem futurorum praescium memoravimus, uti causam tanti mali ediceret. Ille enim perspicere se originem huiusce morbi, sed haud liberum esse cuiquam eloqui: ex quo accideret, uti potentissimi regis contraheret offensam. Post quae Achilles reges singulos adigit, ut interposita iurisiurandi religione confirmarent, nequaquam se ob ea offendi. Hoc modo Calchas, ubi cunctorum animos in se conciliavit, Apollinis iram pronuntiat: eum namque ob iniuriam sacerdotis infestum Graecis, poenas ab exercitu expetere. Dein perquirente Achille mali remedium, restitutionem virginis pronuntiat. (*Ephemeris*, II, 30)<sup>10</sup>

Observa-se que o texto do *Diário* é extremamente próximo da narração homérica. Note-se, ainda, que Calcas afirma que Apolo está vingando a ofensa contra Crises, realizada por Agamêmnon, infligindo pena ao exército, e isso indica que a massa estava sendo punida por causa de uma ação de seu

<sup>9</sup> "Mas nenhum dos reis, em sua totalidade, foi morto ou tocado por esse mal."

<sup>10</sup> "Ademais, como não havia qualquer moderação da doença e dia a dia mais homens morriam, todos os chefes já se fechando em si por medo, reúnem-se e, em seguida, insistem junto a Calcas, o qual lembramos ser capaz de conhecer de antemão os tempos futuros, que dissesse a causa de tanto mal. Ele, com efeito, afirma reconhecer claramente a origem de tal enfermidade, mas não estava livre para revelá-la a qualquer um, já que, a partir disso, aconteceria de ele contrair a ofensa de um potentíssimo. Depois disso, Aquiles forçou a cada um dos reis a se obrigarem, por meio de um compactado compromisso sagrado de juramento, a não ficarem ofendidos seja por qualquer que fosse essa causa. Desse modo, Calcas, quando reuniu os ânimos de todos para si, pronunciou a ira de Apolo: o fato era que ele, hostil aos gregos por causa da injúria do sacerdote, reivindicava as penas às custas do exército. Depois, com Aquiles insistindo em saber, ele pronunciou que o remédio para o mal era a restituição da virgem."

comandante supremo. Não diferente ocorre em um episódio anterior a este do *Diário* (I, 19-23), em que Agamêmnon, ignorando a santidade de um bosque, fere um animal no espaço dedicado ao culto de Diana. Em resposta ao ultraje, a deusa manda uma peste contra todo o exército, cujo remédio seria o sacrifício de Ifigênia, filha de Agamêmnon. O pai então reluta em realizar o sacrifício da filha. Ulisses, arditamente e às escondidas, convence Clitemnestra a enviar a moça a Áulis, local onde se alojavam os gregos para preparar o assédio contra Troia. Ulisses havia mentido que Agamêmnon arranjava um casamento para Ifigênia com o ilustre Aquiles. Quando já se prontificava o ritual de sacrifício de Ifigênia, enquanto Aquiles, após descobrir o plano de Ulisses, corre para salvar a moça, Agamêmnon esconde-se triste em seus aposentos. No momento de completar a imolação da jovem, há uma intervenção insólita, proveniente da própria Diana, impedindo o assassinato da virgem, que acaba sendo amparada por Aquiles e colocada por ele em custódia do rei da Cítia. À semelhança do episódio bíblico do sacrifício de Isaíque, no *Diário*, há provisão de uma vítima vicária para realizar o sacrifício à divindade. Em razão dessa ofensa à deusa Diana, Agamêmnon recebe o prognóstico de um mau futuro.

Tanto no episódio de Ifigênia quanto no de Crises, Agamêmnon é caracterizado como egoísta e um mau gestor da crise, pois reluta em resolver o problema. Em Homero, Aquiles também caracteriza negativamente o rei supremo dos gregos: “Pesado de vinho! Olhos de cão! Coração de gamo!” (HOMERO, 2013, p. 91, canto I, verso 255<sup>11</sup>). Ele ainda afirma que Agamêmnon pouco vai à frente do exército na liça e só recebe o que os outros conquistam. Em contraposição a Aquiles, que se mostra capaz de sacrificar-se em favor de outros, Agamêmnon pensa apenas em interesses próprios. No *Diário*, após a declaração de Calcas, narra-se que:

Tum Agamemnon coniectans quod mox accidit, concilio tacitus egressus, cunctos quos secum habuerat, in armis esse iubet. Id ubi Achilles animadvertit, commotus rei indignatione, simul pernicie defessi exercitus anxius, defunctorum corpora miserandum in modum confecta undique in unum colligi iubet, atque in conventu ante ora omnium proici. Quo spectaculo adeo commoti reges gentesque omnes, uti adversum Agamemnonem ab cunctis pergeretur, duce atque auctore Achille, et si perstaret, suadente exitio vindicandum. Quae ubi regi nunciata, pertinacia animi, an ob amorem captivae, cuncta extrema ratus experiri, nihil remittendum de sententia destinaverat. (*Ephemeris*, II, 31)<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Em grego: οἰνοβαρές, κυνὸς ὄμματ' ἔχων, κραδίην δ' ἐλάφοιο.

<sup>12</sup> “Agamêmnon, conjecturando o que em breve aconteceria, tendo saído calado da reunião, ordenou a todos que tivera consigo que pegassem em armas. Quando Aquiles percebeu sua intenção, indignado com o fato, ao mesmo tempo aflito com o morticínio do exército fatigado, manda que os corpos dos defuntos que se produziram de modo infame sejam juntados de toda parte para um único lugar e sejam

Por causa dessa confusão no campo grego, os troianos sentem a oportunidade de atacar, e o fazem, o que causa ainda mais perdas aos gregos (*Ephemeris*, II, 32). Findado o combate, o exército aqueu decide dar a Aquiles o comando máximo.

Sed Agamemnon anxius, ne decus regium amitteret, in consilio verba facit: Sibi maxime cordi esse exercitus incolurmitatem; neque ulterius differre, quin Astynome parenti remitteretur, maxime si restitutione eius instantem perniciem subterfugerent: nec quicquam deprecari amplius, si modo in locum eius Hippodamiam, quae cum Achille degeret, vicarium munus amissi honoris acciperet. (*Ephemeris*, II, 33)<sup>13</sup>

Ora, em seu discurso, Agamêmnon afirma agir visando ao bem dos gregos, mas Díctis não deixa de marcar a sua avaliação e indicar claramente que Agamêmnon se pronunciava apenas para não perder o domínio do exército. Apesar de o proposto de troca parecer indecoroso a todos, por amor ao exército, Aquiles aquiesce em ceder sua escrava (*Ephemeris*, II, 33).

Tomada Hipodamia (Briseida) da tenda de Aquiles, Astínome (Criseida) é colocada em um barco e despachada junto a Diomedes e Ulisses para a casa de seu pai.

## DO FIM DA PESTE E DAS SUAS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS

Por fim, neste último trecho de leitura, há o reparo do agravo como remédio para o mal e as consequências políticas de uma crise sanitária. Em Homero, Ulisses apresenta a Crises sua filha e os sacrifícios que Agamêmnon havia mandado para reparar o ultraje. Crises os recebe e reza a Apolo:

---

levados à assembleia ante a vista de todos. Os reis e todos os demais se comovem de tal maneira com aquele cenário que todos se erguem contra Agamêmnon, tendo Aquiles a iniciativa e o comando, enquanto ele convencia a todos a puni-lo com a morte, caso persistisse. Quando comunicam ao rei tais notícias, este, disposto a chegar até às últimas consequências, fosse por obstinação, fosse por amor à escrava, resolve não ceder nem um pouco quanto à sua decisão.”

<sup>13</sup> “Mas Agamêmnon, preocupado em não perder a liderança geral, em assembleia proferiu um discurso: que, acima de tudo, estava em seu coração a segurança do exército e que não podia mais adiar a devolução de Astínome ao pai, principalmente se com a restituição dela eles se livrassem daquela aflição perniciososa, não pedindo nada mais senão apenas que em lugar dela ele recebesse Hipodamia, que vivia com Aquiles, como benefício substitutivo de um prêmio perdido”.

“Ouve-me, senhor do arco de prata, deus tutelar de Crise e da sacratíssima Cila, que pela força reges Tênedo! Tal como antes deste ouvidos à minha prece, e para me honrares fustigaste a hoste dos Aqueus, também agora faz que se cumpra isto que te peço: afasta dos Dânaos a pestilência repugnante.”

Assim disse, orando; e ouviu-o Febo Apolo.

(HOMERO, 2013, p. 98, canto I, versos 451-457)

Adicionaram-se a essa reza vários rituais, incluindo cantos a Apolo. O mal finda, mas não a raiva de Aquiles, que permanecerá, como a leitura integral da *Ilíada* dá conta, até o momento em que outra ira tome seu coração, ira essa derivada de outra grande perda: a morte de seu caro Pátroclo pelas mãos de Heitor.

Outrossim, no *Diário*:

Igitur adversa cunctorum voluntate, neque tamen quoquam palam recusante, Agamemnon, tamquam ab omnibus concessa res videretur, lictoribus ut Hippodamia abstraheretur imperat; hique brevi iussa efficiunt. Interim Astynomen Graeci per Diomedem atque Ulixem cum magna copia victimarum ad fanum Apollinis transmisere. Dein perfecto sacrificio, paulatim vis mali leniri visa, neque amplius adtemptari corpora; et eorum qui antea fatigabantur, tanquam sperato divinitus levamine, relaxari. Ita brevi per universum exercitum salubritas vigorque solitus renovatus est. (*Ephemeris*, II, 33)<sup>14</sup>

Observa-se que a peste cessa exatamente quando Astínome é devolvida. Tendo em vista a atmosfera racionalizante da narração do *Diário*, esse momento parece insólito ao leitor. De qualquer forma, deve-se notar que o agravo cometido por Agamêmnon contra Aquiles não teve nenhum protesto da parte dos comandantes e do exército. Será exatamente esse fato que pesará no coração de Aquiles.

Ceterum Achilles memor iniuriae supradictae abstinendum publico consilio decreverat, odio máximo Agamemnonis, abolitoque amore quem circa Graceos habuerat; scilicet quod

<sup>14</sup> “Então, contra a vontade de todos, mas sem que alguém protestasse abertamente, Agamêmnon, como parecesse permissão concedida por todos, ordenou ele aos litores que fosse levada embora Hipodamia; e esses logo cumprem as ordens. Nesse ínterim, os gregos, por intermédio de Diomedes e Ulisses, levaram Astínome com grande abundância de vítimas ao templo de Apolo. Depois, consumado o sacrifício, via-se que paulatinamente a força do mal ia se abrandando, e não mais eram afligidos os corpos; e aqueles que antes eram fatigados iam sendo curados como por um alívio esperado dos deuses. Assim, em pouco tempo, a salubridade e o vigor de antes foram renovados em todo o exército.”

eorum patientia post tot bellorum victorias, ac facta fortia, Hippodamia concessum pro laboribus praemium per iniuriam abducta esset. (*Ephemeris*, II, 34)<sup>15</sup>

Aquiles decide retirar-se da guerra. Segundo Movellán Luis (2015), a ofensa de Agamêmnon é acentuada quando ele não convida o filho de Peleu a participar de um banquete, uma grave desonra política para um comandante.

Is namque, quamquam ob illatam ab Agamemnone iniuriam et abductam Hippodamiam nihil animi remiserat, tamen maxime indignatus, quod reliquis ducibus ad coenam deductis solus contemptui habitus intermitteretur. (*Ephemeris*, II, 36)<sup>16</sup>

Embora se possa cogitar que esse fato diminua o peso sublime da ira de Aquiles a uma futilidade, Movellán Luis (2015) considera que há, nessa sucessão narrativa, o reforço da ingratidão dos gregos para com Aquiles. A revolta do pelida é tamanha que ele começa a nutrir um sentimento insidioso contra os gregos, a ponto de desejar atacá-los (*Ephemeris*, II, 37). Se, por um lado, essa intenção de Aquiles pode ser considerada parte de seu caráter impulsivo (MERKLE, 1989), por outro, pode ser julgada como reflexo do sentimento de desvalorização, uma vez que, em uma batalha anterior, o exército grego havia tido êxito mesmo sem a presença do valoroso Aquiles (MOVELLÁN LUIS, 2015). Seja por um motivo, seja por outro, fato é que será por meio de um banquete que Agamêmnon selará a paz com Aquiles, depois de embaixadas para reaver o ânimo do pelida. Inclusive, Agamêmnon afirma a Pátroclo que não tocara em Hipodamia e que a havia tomado de Aquiles não por amor à escrava, mas por ira (*Ephemeris*, II, 49). De fato, quando reunidos na tenda do pelida, Aquiles reafirma que a culpa por sua raiva não estava somente sobre Agamêmnon, mas sobre todos os gregos que não o defenderam (*Ephemeris*, II, 51). Contudo, Aquiles reconhece, por fim, a inocência do exército e, depois da embaixada, retoma seu lugar no exército. Não é, portanto, a morte de Pátroclo que o traz de volta, mas o reconhecimento de seu valor. Há, então, o festim em sua homenagem, no qual:

Agamemnon manum Achillis retentans eumque et reliquos duces ad cenam deducit. Ac paulo post inter epulas, cum laeti

<sup>15</sup> “Ademais, Aquiles, lembrando-se da injúria mencionada anteriormente, decidira abster-se da reunião pública principalmente pelo ódio a Agamêmnon e porque fora suprimido o amor que tivera para com os gregos, evidentemente porque, em razão da omissão deles, depois de tantas vitórias em guerras e feitos valorosos, por meio de injustiça lhe havia sido tomada Hipodamia, prêmio concedido por seus esforços.”

<sup>16</sup> “Ele, de fato, embora em nada abrandasse o ânimo por causa da injúria feita por Agamêmnon e da separação de Hipodamia, entretanto, indignado, sobretudo, porque os demais comandantes haviam ido ao jantar e somente ele fora deixado numa condição de desprezo.”

inter se invitarent, rex Patroclum quaesiit, ut Hippodamiam cum ornamentis, quae dederat, ad tentoria Achillis deduceret; isque libens mandata efficit. (*Ephemeris*, II, 52)<sup>17</sup>

A cena encerra os conflitos políticos e pessoais derivados da crise sanitária. Porém, no *Diário*, outros conflitos de interesse entre os gregos aparecem, por causa dos quais muitos perecem. Todos esses interesses são, no entanto, humanos.

## CONCLUSÃO

Enquanto no nosso mundo é a ciência que busca reconhecer a origem e a remediação da pandemia, no universo literário das narrativas antigas aqui analisadas, impera o viés mitológico. Em Homero, tanto o nascimento da doença quanto a sua remediação provêm das mãos de um deus. No *Diário*, apesar de o narrador colocar em dúvida a origem divina da doença contagiosa, a sequência dos acontecimentos atesta a interferência sobre-humana.

Observou-se, também, que a peste é causada, nas duas narrativas, por ofensa ao sacerdote do deus, o que reforça a atividade divina no episódio. Além disso, deve-se notar que, tanto na *Ilíada* quanto no *Diário*, a crise sanitária essencialmente repercute no âmbito político, de modo que, na busca da solução do mal, há conflitos de interesse entre os tomadores de decisão. Pode-se afirmar, ainda, que no *Diário* o âmbito político fica ainda mais salientado, pois Agamêmnon age apenas pensando em defender sua alta posição hierárquica, enquanto Aquiles, em um primeiro momento, age por amor ao exército, mas, depois, sentindo-se ultrajado e menosprezado, abandona o combate e só retorna como partidário quando é reconhecido o seu valor. Nesse sentido, o Aquiles narrado por Díctis aparece ao leitor conhecedor da *Ilíada* menos nobre que o homérico.

Destaca-se, por fim, que a sequência narrativa do *Diário*, apesar de nela haver intervenções sobrenaturais, é motivada por interesses puramente humanos, como a vaidade e a ira. Sendo assim, a interferência da deidade figura, de certa forma, com caráter responsivo e serve para chamar a atenção dos personagens para o respeito religioso, cuja inobservância acarreta males aos humanos, males esses curáveis apenas pelo aplacamento do deus ofendido.

---

<sup>17</sup> “Agamêmnon, retendo a mão de Aquiles, conduziu-o e os demais comandantes ao banquete. E, pouco depois, em meio a refeições, enquanto, felizes, tratavam-se bem uns aos outros, o rei pediu a Pátroclo que conduzisse à tenda de Aquiles Hipodamia juntamente com ornamentos, os quais lhe haviam sido presenteados. E ele, com boa vontade, obedeceu às ordens.”

## REFERÊNCIAS

BERGERARD, L. Note al libro secondo (n.68-144). In: LELLI, E. (Org.). *L'altra Iliade*. Ditti di Creta. Il diario di guerra di un soldato greco. Con la Storia della distruzione di Troia di Darete Frigio e i testi bizantini sulla guerra troiana. Milano: Bompiani, 2015, p. 533-550.

BETTINI, M. Visibilità, invisibilità e identità degli dèi. In: PIRONTI, G.; BONNET, C. (Org.) *Gli dèi di Omero: politeismo e poesia nella Grecia antica*. Napoli: Carocci, 2016, p. 29-57.

COLLARD, H. Montrer l'invisible. Les dieux et leurs statues dans la céramique grecque. In: BORGEAUD, P. (Ed.). *Perception et construction du divin dans l'Antiquité*. Librairie Droz S. A., 2013, p. 61-89.

COSTA, A. *Temas clássicos*. São Paulo: Cultrix; Secretararia da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2013.

MERKLE, S. *Die Ephemis belli Troiani des Dictys von Kreta*. Frankfurt am Main: P. Lang, 1989.

\_\_\_\_\_. News from the past. Dictys and Dares on the Trojan War. In: HOFMANN, H. *Latin fiction: the Latin novel in context*. London: Routledge, 1999, p. 132-140.

MOVELLÁN LUIS, M. *La crónica troyana de Dictis de Creta: trama épica y falsa historia*. Tese (Doutorado em Filologia Grega). Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2015.

PEINADO, E. G. *La Ephemis belli Troiani*: Edición del texto y estudio de los aspectos filológicos e literarios. Tese (Doutorado em Estudos Clássicos), Faculdade de Filosofia e Letras, Universidad de Alicante, Alicante, 2015.

SILVA, G. S. *Ephemis belli Troiani Dictys Cretensis: estudo e tradução*. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2019.

THOMPSON, D. *The Trojan war: literature and legends from the Bronze Age to the present*. Jefferson: McFarland, 2004.

VEGA, M. F. B.; LÓPEZ, V. C. Introducción. In: ANÔNIMO. *La Ilíada latina, Diario de la guerra de Troya de Dictis Cretense y Historia de la destrucción de Troya de Dares Frigio*. Tradução de Maria Felisa del Barrio Vega e Vicente Cristóbal López. Madrid: Gredos, 2001, p. 118-166.

VENINI, P. Ditti Cretese e Omero. *Memorie dell'Istituto Lombardo*, n. 37, Milão, 1981, p. 161-198.

YOUNG, A. M. *Troy and her legend*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1948.